

prazer proibido

beth kery

Tradução de Ester Cortegano

CAPÍTULO UM

Genevieve rasgou o envelope selado e tirou o papel. O código de segurança para entrar na Sauren-Kennedy Solutions Inc. fora escrito numa caligrafia arrojada e oblíqua. Genevieve semicerrou as pálpebras.

Lentamente, a dor esmoreceu.

Fora apenas por não estar à espera de ver a caligrafia dele. Ficara abalada — quem não ficaria depois de ver a sua casa a transformar-se numa carcaça incandescente e enegrecida? Praticamente tudo o que possuía fora destruído nessa noite. Não tinha agora energia para se preocupar com o que significava regressar à *penthouse* passados tantos anos.

Além do mais, Genevieve estava muitíssimo bem treinada a atirar toda e qualquer memória da *penthouse* para os recantos da sua consciência, como um segredo sujo e vergonhoso.

Ergueu o papel à frente dos olhos e, de mão trémula, digitou os números escritos naqueles gatafunhos que tão bem conhecia. Sean enviara a informação de segurança atualizada através do advogado dela cerca de ano e meio antes. Ela nem sequer abrira o envelope, imaginando que nunca viria a usar o seu conteúdo. Felizmente, guardara o código no pequeno cofre da loja.

A inserção do código ativou a leitura da retina. O clarão de luz no olho lançou a sua memória num salto no tempo, com um grau de pormenor vertiginoso.

Ele ensinara-a a contar a pontuação nos jogos de beisebol dos Cubs. Feixes dourados de cabelo louro iluminados pelo sol misturados com cabelos castanhos enquanto Sean se encostava a ela e escrevia no programa que tinha pousado na coxa. Os movimentos audazes e concisos que imprimia com o lápis contrastavam tanto com as instruções que proferia na sua voz aveludada com sotaque de Nova Orleães...

A fechadura emitiu um ruído seco ao abrir-se suavemente e Genevieve precipitou-se para dentro do escritório, agindo como se fosse possível fugir das suas memórias. Era o trauma dessa noite que a levava a recordar tudo com pormenores tão vívidos. Nada mais do que isso.

A alcatifa macia silenciou-lhe os passos quando entrou na sofisticada zona de receção. Genevieve pousou o saco de viagem que enchera à pressa na loja em Oak Street e inseriu novamente o código, voltando depois a trancar as portas.

Sean fizera da Sauren-Kennedy Solutions a empresa privada de serviços de informação mais apetecível do país. Estas instalações eram o cúmulo da segurança. O marido dela, o antigo proprietário, podia até ser tão conhecedor e inteligente quanto qualquer cliente poderia desejar no que toca a serviços de informação, mas fora Sean quem ganhara a confiança que realmente contava. Ela soubera pelo advogado que Sean conseguira vários contratos lucrativos com o governo ao longo dos últimos anos.

Reinava o silêncio, às duas da manhã. Olhou em volta, a sentir-se uma intrusa e não a coproprietária da empresa. Observou a secretária circular de mogno da rececionista e perguntou-se se Carol ainda trabalharia para eles. Não tinha maneira de saber. Todos os assuntos de negócios da Sauren-Kennedy eram geridos pelo seu advogado. A decoração dos escritórios fora renovada desde a última vez que ali estivera, o que não era assim tão surpreendente. Havia mais de três anos que ali não entrava.

O marido fora assassinado cinco dias depois da última vez que Genevieve ali estivera.

Durante alguns segundos, as pernas vacilaram-lhe.

Sacudiu as dúvidas e avançou resolutamente em direção aos elevadores. Por que razão *não haveria* de ficar ali? Era dona daquilo, não era? Os seus passos soavam mais dinâmicos e confiantes do que na verdade se sentia quando os calcanhares embatiam contra as lajes de granito polido.

A *penthouse* ficava no último andar do edifício onde a Sauren-Kennedy mantinha os seus escritórios. Quando se casaram, Max insistira em comprar uma casa enorme num terreno florestado nos subúrbios, mas não

fora totalmente imune à desilusão de Genevieve perante a ideia de abandonar o centro de Chicago. Ela fora uma menina da cidade desde que se mudara para o centro, quando andava na faculdade. Tinha sido ali que descobrira aquilo de que era capaz como *designer* de moda e empresária; tinha sido ali que fora bem-sucedida pela primeira vez. A renovação da *penthouse* no último andar do arranha-céus onde a empresa de Max estava sediada fora, para ela... o seu recanto na cidade, a fuga de fim de semana.

O telefone começou a tocar quando estava a sair do elevador. Tirou o telemóvel da mala e resmungou baixinho quando viu quem lhe ligava. Em vez de ignorar a chamada do homem com quem andava a sair nas últimas oito semanas — apesar de ser isso mesmo que lhe apetecia fazer —, obrigou-se a atender.

— Olá, Jeff.

— Genevieve? Um amigo meu que faz a cobertura dos subúrbios da zona norte acabou de me ligar e contou-me do incêndio. Estás bem?

Genevieve demorou-se no átrio, com o telefone encostado à orelha, agarrando o saco de cabedal contra o peito.

— Sim, foi uma noite e peras. E, sim, estou bem. Vai tudo ficar bem. Não te preocupes, *por favor* — terminou ela enfaticamente.

Jeff era um respeitado jornalista de desporto do *Chicago Tribune*. Viajava muito e Genevieve sabia que naquele momento ele estava em Nova Iorque, a cobrir o jogo All Stars da NBA do fim de semana. Não a surpreendera que um dos seus colegas jornalistas lhe tivesse telefonado a falar-lhe do incêndio. Tendo em conta que estavam tão distantes, sabia que ele ficaria ainda mais preocupado. Não namoravam há muito tempo, mas Jeff parecia mesmo muito interessado.

Genevieve ainda teria de decidir como se sentia em relação a isso.

— O meu amigo disse-me que a tua casa foi...

— Foi completamente destruída — terminou Genevieve calmamente, quando Jeff ficou sem palavras.

— *Céus*. Que aconteceu?

Ela começou a caminhar lentamente para a porta da *penthouse*.

— Não sei bem. O comandante dos bombeiros disse que me enviava um relatório amanhã. Bem... hoje, na verdade — acrescentou, quando se recordou que eram já quase duas da manhã.

— Apanho um avião para aí logo de manhã.

— *Não*. — Genevieve fez um esforço por suavizar a voz quando deu

conta de como soara ríspida. Não queria ser indelicada, mas já tinha o suficiente com que lidar naquele momento sem ter de se preocupar com Jeff a pairar por ali e a preocupar-se com *ela*. — Tens o jogo para cobrir neste fim de semana. Além disso, não ouviste dizer que a partir de amanhã vamos provavelmente ter a tempestade de neve do século? Duvido muito que haja voos a aterrar em O'Hare durante o resto do fim de semana. E, como já disse, estou *bem*. Poderia ter sido muito pior. Ninguém se magoou. Não há nada naquela casa que não possa ser substituído. — Suspirou pesadamente e encostou a testa à porta de madeira da *penthouse*. — Para te ser sincera, teria sido muito mais duro se tivesse sido a loja a arder.

— Tens a certeza de que estás bem? Onde vais ficar?

— Vou ficar numa *penthouse* que tenho no centro.

Uma breve pausa.

— Nunca me disseste nada sobre ter uma *penthouse* no centro.

Genevieve endireitou-se e, fatigada, começou a vasculhar a mala em busca das chaves.

— Não nos conhecemos assim há tanto tempo, Jeff. É no último andar do prédio onde fica a Sauren-Kennedy. — Encontrou as chaves e procurou a menos usada do molho. — Ouve, tenho de ir. Estou aqui, sã e salva, e estou estoirada.

— Claro. Telefone-te amanhã, está bem?

Ela fez um sorriso débil. Ele era mesmo bom tipo. Bem parecido. Um ótimo emprego. Divertido. Não conseguia perceber por que motivo se sentia tão... *pouco inspirada* por ele.

Evidentemente, já há anos que não se sentia inspirada por basicamente nada. Pelo menos no campo do romance. Acalentara a esperança de que Jeff Winton seria a pessoa que a tiraria daquele marasmo, mas não lhe parecia provável.

Na verdade, não era propriamente surpreendente que não se sentisse romântica, naquele momento, pensou com sarcasmo.

Despediram-se e Genevieve meteu a chave à porta. A fechadura rodou suavemente. Entrou para o vestíbulo escuro e lajeado a mármore. Sem se dar ao trabalho de acender a luz, despiu o casaco, sem despegar os olhos do panorama magnífico e resplandecente que tinha diante de si. Já não se lembrava do assombroso primeiro impacto da vista que a *penthouse* oferecia. Passou pela cozinha comprida à sua esquerda e entrou na sala de estar silenciosa.

Havia todo um mundo diferente do lado de fora das janelas de corpo inteiro. Habitávamos as nuvens no momento em passávamos a soleira daquela porta, deixando para trás o mundo ruidoso e movimentado dos passeios e das ruas tomadas pelo tráfego. Permaneceu em pé ao lado do sofá e diante das portas de correr e olhou para baixo, para um outro universo. Era como uma ave empoleirada no topo dos ramos de um compacto pomar de arranha-céus feito de vidro e metal. O mundo junto ao chão parecia tão longínquo lá de cima... tão distante e emudecido.

Os pináculos da Sears Tower estavam parcialmente obliterados pelos feixes de nuvens cinza-escuras em rápido movimento. Estava previsto um nevão para o fim de semana. Genevieve já antes pressentira o temporal iminente, no ar pesado e sufocante, enquanto, estacada diante de sua casa, a via a arder a uma distância segura.

Uma mulher gemeu.

Genevieve congelou. Uma voz masculina e baixa penetrou a espessura do silêncio, o seu tom brando insuflado com a firmeza de uma ordem.

— Não te esfores para chegar lá. Deixa que eu to ofereça.

Ela reconhecia aquela voz.

Deu meia-volta, a respiração presa numa inalação. Ao entrar, não reparara na ténue luz ao fundo do corredor escurecido. Devagar, como que enfeitada, caminhou na direção do clarão suave que se derramava através de uma porta entreaberta. Não vinha do quarto principal, pensou Genevieve. Não do mesmo quarto em que ela, o marido e Sean haviam partilhado uma noite de prazer carnal.

A noite que mudara a sua vida para sempre.

O coração de Genevieve batia violentamente contra o esterno à medida que se aproximava do quarto. Não teria conseguido evitar olhar, mesmo que tentasse. Era como se lhe viesse à memória, com perfeita clareza, por que razão o seu pequeno e sujo segredo exercia tanto poder sobre ela.

Porque também era excitante e proibido. E no âmago desse segredo houvera algo que nem o tempo nem a morte, nem verdades difíceis, poderiam apaziguar.

Espreitou para dentro do quarto, a respiração a arder-lhe nos pulmões. A mulher estava nua e atada. Compridos cabelos louros espalhavam-se pelas costas enquanto se ajoelhava no chão. Os pulsos haviam sido presos atrás das costas com um par de algemas de cabedal.

Genevieve reparou em tudo isto, apesar de depositar toda a sua atenção no homem que permanecia de pé diante da mulher de joelhos. Tinha

vestidas umas calças de ganga desbotadas e uma camisa branca de colarinho, desabotoada, expondo uma ampla extensão de pele suave a envolver músculos definidos.

A cicatriz logo acima do cós das calças de cintura baixa era mais pálida do que o resto da sua pele dourada. Genevieve sabia que ele fora ferido no Iraque; quase morrera numa abafada tenda médica do Exército em pleno deserto. Quando recuperara, por fim, a consciência numa base militar na Alemanha, disseram-lhe que ganhara uma medalha por liderar o salvamento bem-sucedido de uma dezena de soldados reféns numa estação de artilharia fortemente vigiada. Ele dissera-lhes que podiam guardar a medalha e que, como recompensa, o enviassem de volta a Nova Orleães.

Em vez disso, recrutaram-no para as fileiras dos serviços de informação militares.

Sean costumava dizer que devia simplesmente ter aceitado a medalha e fechado a boca.

Os seus mamilos eram acobreados. Genevieve via facilmente os discos eretos e planos por entre os rarefeitos pelos castanho-claros encaracolados do seu peito. Como sempre, o cabelo curto e ondulado estava despenteado. Caía-lhe sobre a testa enquanto olhava para baixo, para a mulher, com uma expressão fixa e determinada, enquanto empurrava lentamente o pénis entre os lábios amplamente abertos.

Genevieve não desviou o olhar, cativada por aquela visão erótica. Era como se o seu cérebro tivesse congelado, e os músculos também. Ela *estava a sentir*, percebeu, confusa. Sentia agora um calor e um ardor entre as pernas, mas estava desligada da sua excitação sexual... como se observasse a reação do seu corpo da mesma forma bizarra e distanciada com que observava o homem que em tempos amara de corpo e alma a fazer sexo com outra mulher.

Apesar de latejar de desejo, Genevieve estava entorpecida.

Quando a mulher se inclinou para a frente, tomando vários centímetros de carne espessa e nervurada entre os lábios, Sean resmungou de insatisfação. Apertou com mais força o punhado de cabelo louro na nuca da mulher. Genevieve sabia, por experiência própria, que o aperto da sua mão seria suave.

Mas firme.

A mulher gemeu em evidente protesto quando ele retirou o pénis da sua boca. Fez o ruído de uma rolha a saltar quando lhe saiu dos lábios e tombou em ângulo descendente, sob a gravidade da pesada glândula cónica.

— Estou quase a entrar em combustão espontânea aqui em baixo, seu filho da mãe. — A voz dela soava grosseira... rude de desejo. Genevieve via que os bicos dos seus pequenos seios estavam pontiagudos e duros.

Ele envolveu a sua ereção com a mão e acariciou-se, numa atitude casual.

— Não disseste que eras corretora na Bolsa? A paciência não é um pré-requisito para esse trabalho?

A mulher tentou esticar-se para a frente para lhe agarrar o pénis, mas, na base da nuca, a mão dele segurou-a com firmeza.

— Filho da mãe — silvou ela. Levantou os olhos na sua direção, com uma expressão que tinha tanto de súplica como de irritação. Ele riu-se entre dentes quando lhe soltou o cabelo e lhe afagou o maxilar e a face. Os lábios da mulher curvaram-se, partilhando o seu estado de espírito. Ninguém conseguia resistir a Sean quando ele sorria.

— Vou ter de fazer alguma coisa com essa tua comichão, caso contrário não vais ser obediente, pois não, feitosa? — provocou ele, com o aveludado tom arrastado de Nova Orleães que contrastava tão agudamente com todo aquele vigor e dureza de músculo. Genevieve costumava estremecer ao simples som da sua voz tão junto ao ouvido... sentia o calor penetrá-la até ao âmago.

Ele ajudou a mulher amarrada a levantar-se da posição de joelhos, sempre descontraído; o seu toque era suave.

Genevieve pestanejou, dando conta de que tivera os olhos colados no seu pénis reluzente. Projetava-se, magnífico, entre a braguilha das calças, uma ferramenta a postos, aguardando apenas as ordens do seu amo.

Não a surpreendeu que ele parecesse tão controlado. De todo. Mesmo quando ele se permitira expressar plenamente a sua natureza selvagem e primitiva naquela noite de Ano Novo, três anos antes, mesmo quando se perdera nas profundezas de uma paixão intensa, Genevieve adivinhara que Sean não era tipicamente tão expressivo quando fazia amor. Era normalmente tão melancólico, tão contido; de olhar alerta, vigilante. Vivia como quem estava sempre em suspense... como se fosse inevitável algo estar prestes a acontecer.

Na experiência de Sean, esse *algo* nunca era bom.

Os seus olhos azul-metálicos não estavam incandescentes com um fogo interior descontrolado, como naquela noite, havia tanto tempo, ao olhar para Genevieve enquanto a possuía com golpes longos e vigorosos. Genevieve não pudera desviar-se um só centímetro da minuciosa posse

que Sean fizera do seu corpo e alma porque Max a segurava firmemente por trás.

Tal como Sean lhe ordenara que fizesse.

Max podia até ser o chefe dele. Podia até ser o marido de Genevieve. Mas no quarto, naquela noite, Sean fora o seu incontestável amo.

Segura-a bem. Não a deixes mexer-se. É toda minha.

Não, não se via ali agora nenhuma dessa paixão bestial. Sean parecia concentrado, mas calmo, enquanto conduzia a mulher até um cadeirão estofado. Desapertou as algemas de cabedal dos pulsos, virou-a e sentou-a, como um cordial cavalheiro. Genevieve passou o limiar do quarto, ainda na sombra da porta. Ele ia posicionar-se atrás da mulher e do cadeirão, e ela não queria perdê-lo de vista.

Sean levantou os pulsos da mulher atrás da cabeça e fletiu-lhe os cotovelos, forçando as mãos a cair atrás da cadeira. Apertou novamente as algemas. O tronco esguiado da mulher estirou-se. As costas arquearam, salientando ainda mais os seus pequenos seios.

Genevieve mordeu os lábios para conter um leve gemido quando ele desceu a mão e beliscou suavemente um mamilo distendido. A mulher apertou as coxas com força e contorceu-se na cadeira.

— Nada disso, agora — repreendeu-a ele com brandura. Deu a volta ao cadeirão e debruçou-se sobre o colo dela, abrindo-lhe bem as pernas e dispondo-lhe as coxas sobre os cantos do assento.

A mulher pressionava a pélvis para baixo, tentando obter alguma fricção na sua vagina aberta. Por um segundo, a cabeça de Sean deteve-se diante da junção das coxas da mulher. A loura ficou tensa de expectativa. Genevieve sentiu como se tivesse caído uma rocha pesada dentro das suas entranhas. Começou a recuar para sair do quarto, subitamente desejosa de estar *em qualquer sítio* menos naquele momento e naquele lugar. Mas então ele ergueu-se. Genevieve soltou uma vacilante exalação de alívio, com o cuidado de não se deixar ouvir. Uma voz distante, a gritar, clamava-lhe que saísse. Que fugisse. Se Sean tivesse passado os olhos pela porta enquanto se dirigia a uma das mesas de cabeceira, tê-la-ia visto ali parada como um veado encandeado pelos faróis de um carro. Mas este pensamento horrível não foi o suficiente para a motivar a agir. Era como se estivesse presa num sonho carnal e repleto de emoções.

Um pesadelo excitante e tortuoso.

A mulher exclamou quando ele tirou da mesa de cabeceira um dildo em tom de pele.

— Não. Quero a tua pila.

— Vais tê-la se aprenderes a ter paciência, jeitosa — murmurou ele enquanto voltava para junto da mulher. Ela já o ouvira antes a chamar *jeitosa* a outras mulheres e nunca soava ofensivo. Pelo contrário, com a sua voz grave e sonante e o sotaque de Nova Orleães, era uma meiga carícia.

Jeitosa.

Estranhamente, Sean nunca tratara Genevieve assim.

O seu pénis continuava ereto e baloiçava no ar diante dele. Ele pousou o dildo no braço do cadeirão, ignorando o som de repulsa da mulher quando voltou a enfiar o membro dentro da roupa interior e apertou os primeiros botões sobre a pronunciada protuberância.

Debruçou-se sobre o braço da cadeira e, calmamente, inseriu com eficiência o dildo de borracha na fenda aberta. A mulher arqueou as ancas para a frente e para trás quando ele inseriu completamente o brinquedo sexual. Ela choramingou, cada vez mais excitada e desesperada.

Sean deixou o dildo dentro dela e sentou-se no braço almofadado do cadeirão, apoiado nas suas longas pernas vestidas de ganga. Pousou um braço ao longo das costas do cadeirão, com uma pose casual, mas também impedindo eficazmente a mulher de baixar os pulsos atados.

Começou a acariciar-lhe o tronco húmido de transpiração. A mão asomava, grande e masculina, sobre a caixa torácica delicada e palpitante da mulher. Acariciou-lhe langorosamente as costelas, o ventre e a cintura enquanto a mulher ofegava e gemia e fletia as ancas contra o dildo que a penetrava, cada vez mais desvairada. Ele brincou com os seus seios, apertando suavemente e estimulando os mamilos pequenos e duros, até que a mulher rugiu de frustração.

— Faz-me vir — suplicou. — Por favor.

Aquela excitação era tangível em Genevieve, como se tomasse parte dela.

As ancas da mulher contorciam-se contra o dildo dentro dela. Quando as nádegas deslizaram para a frente no assento numa tentativa de se estimular a si mesma, a mão de Sean desceu finalmente, segurando com firmeza a base do brinquedo sexual, oferecendo-lhe a resistência de que ela precisava.

— Isso mesmo. Fode-te a ti mesma — murmurou ele enquanto a via assentar os pés contra o chão, elevando as ancas do assento. Ela começou a empurrar a racha para cima e para baixo sobre o veio de borracha.

— Raios te partam. Porque me estás a fazer trabalhar para chegar lá? — protestou a mulher ao mesmo tempo que se oscilava violentamente.

— Queres uma coisa diferente?

— Quero tê-lo... *com força* — cuspiu a mulher enquanto se lançava contra o dildo.

— Bem, já que pedes com jeitinho.

Ele levantou-se e agarrou-lhe nas pernas afastadas, empurrando-as firmemente para trás até a pélvis da mulher recuar. Com um antebraço, rodou os joelhos afastados em direção às costas da cadeira. Inclinou-se sobre o lado do cadeirão, de perfil para Genevieve. Com a outra mão, começou a mergulhar o dildo na rata da mulher, dando-lhe com força como ela pedira. A loura ganiu e sacudiu as ancas descontroladamente excitada.

Ele deslizou o dildo dentro dela até ao fim e rodou a base retangular até o encostar ao clitóris exposto da mulher. Com os dedos, pressionou e desenhou círculos, vibrando a borracha dura contra os tecidos sensíveis.

A mulher estremeceu no seu orgasmo. Quando os seus gritos de paixão sossegaram, ele soltou-lhe as pernas. Debruçou-se e inseriu um mamilo ereto na sua boca, de faces chupadas enquanto mantinha uma firme sucção. Vibrou a base do dildo contra o clitóris ainda mais vigorosamente do que antes.

A mulher loura berrou de agonizante prazer quando o orgasmo se reacendeu na sua potente explosão original.

Genevieve devia ter soltado um gemido num misto de tristeza e excitação, porque, de repente, a cabeça de Sean se voltou.

A mulher continuou a ganhar e a gemer no descontrolo do clímax e Sean prendeu Genevieve com o seu olhar. Os seus ferozes olhos azuis atingiram-na como um raio de eletricidade. Ela sentiu um safanão nos músculos e o movimento abrupto despertou-a do seu transe.

Quando deu por si estava a voar às cegas pelo corredor fora. Ouvia-o a chamá-la, com uma voz monocórdica de incredulidade. Chamou-a outra vez, e desta vez pareceu-lhe mais próximo... demasiado próximo para ela conseguir alcançar a porta da rua sem que ele a apanhasse.

Sentia que poderia desfazer-se em milhões de pedacinhos se Sean lhe pusesse as mãos em cima naquele momento. Tateou às escuras à procura da porta do quarto principal e precipitou-se lá para dentro.

— *Genny*. Mas que diabo...

A sua exclamação foi interrompida quando Genevieve bateu com a porta e rodou rapidamente o trinco. O puxador abanou. Ele bateu à porta. Ela colou as costas contra a madeira, esforçando-se para escutar no silêncio tenso que se seguiu.

— Genny.

Ela fechou com força os olhos que ardiavam ao ouvir aquela súplica proferida tão ternamente. A porta devia ser oca, pois a verdade é que o conseguia ouvir muito bem. Pelo som, ele teria falado com a testa encostada à fissura entre a porta e a moldura. Estavam a apenas poucos centímetros um do outro...

— Escolheste uma bela altura para voltares a aparecer na minha vida — disse ele, a voz a vibrar de emoção.

— Não sabia que ias estar aqui.

— Isso parece-me óbvio.

Ela lambeu os lábios salpicados de lágrimas. Pela primeira vez, deu conta de que tinha a cara encharcada. Devia estar a chorar há já algum tempo... talvez desde que ouvira a voz descontraída e arrastada de Sean a ressoar das profundezas da *penthouse*.

— Vai-te *embora*, Sean. — O coração trovejou-lhe nos ouvidos durante a pausa que se seguiu. A porta cedeu ligeiramente, indicando que ele acabara de se desencostar.

— Eu estava aqui primeiro.

— E em segundo podes ir diretamente para o Inferno.

O riso soou agradado... divertido. Triste.

— Dá-me só um minuto para me despedir dela. — Por um segundo, ela achou que ele se afastara, mas então a sua voz grave penetrou novamente a fissura da porta.

— Estás bem? Aconteceu alguma coisa?

Ela fixou os olhos na enorme cama *king size* que tinha à sua frente — a cama onde os três se haviam embriagado de prazer três anos antes.

Aconteceu alguma coisa? Ela diria que sim.

Genevieve ficara para sempre mudada na noite em que Max oferecera a sua jovem mulher ao superinteligente braço direito... na noite em que ela se queimara com o toque de Sean.

— Está tudo bem — respondeu terminantemente, os olhos colados na cama enquanto memórias vívidas lhe percorriam a mente... memórias trazidas à luz do dia por estar no quarto onde tudo acontecera.

— Pois, certo — ouviu-o responder com ironia.

— Podes simplesmente *deixar-me em paz?*

— É o mais certo.

Desta vez teve a certeza de que ele se afastara. Um minuto depois, ela ainda não se tinha mexido. Ouviu-os passar a centímetros dela.

— Estás a ser muito malcriado — acusou a mulher com petulância enquanto avançava pelo corredor.

— Pois, já me disseram que tenho esse problema — respondeu Sean calmamente.

— Está alguém aqui? Com quem estavas a falar?

Mas depois as vozes esmoreceram. Ouvia a porta a abrir e a fechar e soube que Sean estava a acompanhar a mulher até esta sair do apertado sistema de segurança da Sauren-Kennedy. Ele chamar-lhe-ia um táxi. Podia ter crescido pobre, sem amigos e sem pai, um dos «terrores» de conduta desordeira das ruas beras de Nova Orleães, mas as maneiras de Sean eram impecáveis.

Genevieve ainda não se mexera quando ele regressou, passados alguns minutos. Continuava absolutamente imóvel, de costas contra a porta como se estivesse no parapeito da janela da *penthouse* com a cidade a pairar a seus pés. Pelo canto do olho, viu o puxador a rodar. Ele falou de novo suavemente junto à fissura da porta fechada.

— É melhor abrires, rapariga. Não achas mesmo que essa espécie de trinco me vai impedir de chegar até ti, pois não?

A pulsação dela parecia querer saltar-lhe para fora do pescoço. Nunca antes o ouvira chamar *rapariga* a outra mulher, com o arrastar da voz a suavizar o *r* até mal se conseguir ouvir.

Este som na língua dele fora sempre para ela uma carícia. Virou-se e deu a volta ao trinco. Manteve-se de olhos postos na alcatifa quando passou precipitadamente por ele. Agarrou no saco que deixara cair no vestíbulo e estendeu a mão para o puxador da porta da rua. A mão dele ergueu-se por trás dela, fechando a porta com um estalido preciso.

— O que aconteceu?

— Porque achas que aconteceu alguma coisa? — perguntou ela, em tom irritado. Estava hiperconsciente da presença dele a poucos centímetros de distância, inclinado sobre ela. O seu corpo irradiava calor.

— *Não* faças isso, Genny. Já não me castigaste o suficiente, evitando-me este tempo todo? Sabes que eu nunca quereria que assistisses ao que acabaste de ver. Nunca na vida.

O silêncio que se seguiu era interrompido apenas pelo murmúrio da respiração dela. Ela deixou cair o queixo de encontro ao peito.

Ela *sabia-o*. Podia ter dúvidas sobre ele, mas sabia por instinto que Sean Kennedy nunca a magoaria intencionalmente.

Os estragos que ele causara sem intenção na sua vida já eram um assunto completamente diferente.

— A casa de Lake Forest ardeu — sussurrou. — Foi-se... Foi-se tudo.

Ele pousou as mãos nos ombros dela e virou-a na sua direção. A sua sombra alta agigantava-se sobre ela. Genevieve pestanejou, desorientada, quando ele acendeu o candelabro de cristal. Ele ficou a olhar para ela. O seu rosto empalidecera.

— Vem cá — resmoneou, pegando-lhe na mão. Genevieve cambaleou atrás dele na direção da sala de estar. Um bar percorria a parede norte. Ele puxou um dos copos suspensos para fora do suporte e agarrou numa garrafa de vinho que estava aberta. O líquido carmesim mergulhou no globo do copo.

— Bebe — ordenou, sem vestígios do sotaque nesta sua ordem seca. Genevieve hesitou antes de olhar para os seus olhos cintilantes. Pegou no copo, esvaziando metade do conteúdo no primeiro trago. Ele tirou-lhe o copo trémulo das mãos, que o prendiam como garras. Conduziu-a até ao sofá e puxou-a para que se sentasse a seu lado.

— Estavas dentro de casa?

Ela abanou a cabeça e soltou as mãos do seu aperto quente.

— Fiquei a trabalhar até tarde em Oak Street. Meti-me no carro para ir para casa por volta das nove horas. Estive a noite toda a vê-los tentar apagar o incêndio.

— Porque não me telefonaste?

Ela limitou-se a olhar para a alcatifa como quem não a vê. Depois de refletir sobre a sua pergunta impulsiva, ele não pareceu estar à espera de resposta.

Ambos sabiam que já lá ia o tempo em que ela teria contado com o apoio de Sean.

— Quando lá cheguei estavam quatro carros a combater o fogo, mas por essa altura já só estavam a conter as chamas... a impedir que chegassem às árvores e que o fogo se espalhasse. Um dos bombeiros disse-me que começou provavelmente na garagem e que passou primeiro para a cozinha. Quando me vim embora, já estava extinto. Foi um pesadelo. A Polícia estava lá. A imprensa...

O corpo dele contraiu-se, com vontade de agir, mas continuou sentado a seu lado. Ela lançou-lhe um olhar exasperado. Três anos não haviam atenuado a capacidade quase sobrenatural que ela tinha para lhe ler as entrelinhas. Não interessava se fora treinado pelo Exército dos Estados Unidos para ser um operacional dos serviços secretos.

Ela conhecera a sua dose de espões. Max ocupara um cargo de topo na CIA antes de se reformar e abrir a sua própria empresa de informações.

Mas enquanto Max se revelara um enigma para ela, Sean era basicamente um livro aberto.

— Vá, força, telefona, se quiseres — disse ela. — Estava lá um polícia, o sargento Gould. O chefe dos bombeiros era um tal de Martin McGruder.

— Eu agora não vou a lado nenhum. E o Jim? Está bem? — perguntou Sean, referindo-se a Jim Rothman, o funcionário de sempre de Max e residente na casa, que fazia tudo, da manutenção da casa às compras no supermercado.

— Sim, está tudo bem — sussurrou Genny. — Esta noite estava fora, como eu. Voltou do cinema por volta das onze e ficou ali comigo a ver tudo a arder. — A sua respiração ficou suspensa numa inalação. — Ele estava mais perturbado do que eu. Sempre a pensar se teria deixado algum eletrodoméstico a funcionar ou se não teria feito como deve ser a manutenção da caldeira. Devo ter-lhe dito milhões de vezes que não era culpa dele, pobre homem, e mesmo que um de nós *tivesse* feito alguma coisa por acidente, não teria sido de propósito. Estava preocupadíssimo. Vai ficar com a filha em Niles.

— Não havia indícios de fogo posto?

— *Fogo posto?* — Ela fitou-o mais penetrantemente. — Claro que não. Quem teria incendiado a minha casa?

Ele franziu o sobrolho enquanto a estudava. Ergueu a mão e segurou-lhe no maxilar.

— Estava lá alguma equipa médica? Recebeste tratamento?

— Para quê?

— Choque. — Os seus olhares cruzaram-se e prenderam-se um no outro.

Ele não tentou impedi-la de se levantar. Ela voltou ao bar, onde levou o copo de vinho aos lábios. O cristal zuniu quando ela pousou o globo no balcão com um pouco de força a mais. Ela viu como ele a observava no espelho que revestia a parede ao fundo do bar.

— Quem sai? Tu ou eu?

— Acho que sabes a resposta, Genny.

Ela virou-se.

— Não estarás certamente a pensar que vamos *os dois* ficar aqui.

Ele encolheu os ombros e recostou-se, abrindo os braços ao longo das costas do sofá. Abotoara a camisa branca engomada, mas não totalmente. Quando abriu os braços, o tecido abriu-se. Genevieve deu por si a olhar para o sensual triângulo de pele desnudada e os pelos encaracolados castanho-claros. Pestanejou quando ele falou.

— Estou a trabalhar num projeto em grande. A minha assistente vem cá logo pela manhã. É mais fácil dormir aqui quando fico até tão tarde no escritório.

— *Dormir*, pois sim — resmungou ela sarcasticamente.

— Não podes esperar que eu soubesse que ias aparecer aqui hoje. Já disse que lamento tudo aquilo. — Acenou para o corredor e para o quarto. Quando ela olhou pela janela com desdém, ele acrescentou: — Ah, pois, já me esquecia. És boa a ignorar os meus pedidos de desculpa. És especialista na arte de me ignorar por inteiro.

Ela sentiu o calor a inundar-lhe a face. Abriu a boca para o repreender por ter mudado de assunto, mas ele interrompeu-a antes de ela conseguir fazer sair uma só palavra.

— Esta *penthouse* também é minha. Já te esqueceste disso?

— Não, não me *esqueci*. Muito bem. Se vais ficar, saio eu. Fico com a minha mãe. — Ela arregalou os olhos quando ele se limitou a abanar a cabeça devagar, com uma expressão implacável.

— Lamento — disse ele. — Mas até eu obter alguma informação sobre o que aconteceu no incêndio... até ter a certeza de que ninguém o pôs com a intenção de te fazer mal, vais ficar aqui. E eu também, Genny.

Ela sentiu os músculos estalar como elásticos demasiado esticados, quando ele proferiu novamente o seu nome. Era a única pessoa a chamar-lhe Genny. O único que *podia* e fazia com que soasse tão natural... como se fosse mesmo o nome dela. Uma vez, Max tentara chamar-lhe Genny. Soara forçado e tonto na sua boca. Ela não dissera nada, mas Max nunca mais o repetira.

Max encorajara-os, a Sean e ela, a passarem tempo juntos. O marido confessara-lhe uma vez que se sentia um pouco culpado por ter tão poucos interesses em comum com ela, tendo em conta a diferença de idades, de vinte e quatro anos. Max nunca demonstrara um pingão de ciúmes pelo facto de ela e Sean partilharem o prazer de assistir a jogos dos Cubs nas tardes quentes de verão ou de percorrer quilómetros de bicicleta ao longo das margens do lago. Sean até a ensinara a disparar no campo de tiro exclusivo da Sauren Solutions.

Fora tudo inocente... pelo menos à superfície.

Até àquela noite de Ano Novo três anos antes, quando Max sugerira que os três se entregassem a uma noite de prazer.

Até cinco noites depois, quando Sean o assassinara.

CAPÍTULO DOIS

Sean observava-a atentamente, vendo a sua indecisão, a sua exaustão. Pressentia algo mais nela; algo que, suspeitava fortemente, era medo. A constatação de que era ele quem a fazia praticamente vibrar de ansiedade fê-lo sentir como se tivesse entornado ácido puro pela garganta abaixo.

Compreendia por que motivo ela se sentia tão nervosa na sua presença... pelo menos até certo ponto. Amaldiçoava-se pelo menos uma vez por dia pela sua impulsividade pouco característica naquela noite havia três anos. Genny tinha todo o direito de o evitar como se fosse portador de uma versão especialmente potente da praga. Quando ele andava desesperado por vê-la, depois da morte de Max, apanhara-a por vezes a retrair-se quando olhava para ele.

Cometera um erro. Mas isso fora há anos. Quanto tempo teria ainda de sofrer por se ter interessado por algo para lá da sensatez e das circunstâncias?

Para lá da razão?

Ele sabia que não era suficientemente bom para Genny, mas esse facto, por si só, nunca o impedira de a desejar mais do que alguma vez desejara alguma coisa. Além disso, Sean entendia que teria talvez alguma profunda falha psicológica que o levava a rebelar-se contra as evidências.

Com a coluna hirta de teimosia, debruçou-se para a frente, sentado no sofá, de cotovelos apoiados nos joelhos. Crescera a saber que, se

queria alguma coisa, tinha de fazer mais do que simplesmente lutar por ela. Tinha de entrar na luta como se fosse o último ato de vontade própria da sua vida. Tinha de estar disposto a sacrificar tudo antes de encetar essa batalha, quer fosse uma escaramuça com um rufia num beco esconso ou um iraquiano que o odiasse tanto como se tivesse veneno a correr-lhe nas veias.

Em criança, não lhe fora difícil viver segundo este código. Não tivera nada de substancial a perder exceto a própria vida — e não recebera ele de tanta gente a mensagem de que até *isso* era um bem sem valor nenhum?

Continuava a não ter nada a perder aos trinta e sete anos, admitiu Sean sombriamente para si mesmo. Mas Genny entrara novamente nos seus domínios, mesmo que involuntariamente. Que se lixassem os erros e os pecados. Não ia deixá-la fugir outra vez sem dar luta. Só precisava de trabalhar para recuperar a sua confiança.

Se ao menos pudesse passar algum tempo com ela, fazê-la sentir-se novamente confortável ao seu lado, quem sabe se ela se abriria.

— Vais ficar aqui mesmo, Gen. Há dois quartos. Podes escolher.

— Não quero dormir em nenhum. — Os seus olhos cinzentos normalmente doces e emotivos ficaram gelados como as nuvens cinzentas que pairavam do lado de fora da janela, mas Sean fingiu não reparar.

— Nesse caso, o sofá é agradável e fofo. — Levantou-se e caminhou na direção do vestíbulo. Trancou a porta da rua e inseriu o código do alarme. Ela assomou por trás quando ele estava a terminar.

— Que estás a fazer?

— A trancar a casa. Estas são as tuas coisas? — Pegou num enorme saco de viagem de cabedal e espreitou lá para dentro, vendo roupa dobrada à pressa e um saco de artigos de higiene. — Vou pô-lo na casa de banho das visitas. — Ela ignorou-o enquanto fitava o sistema de alarme instalado na parede. Voltou-se para ele, com uma expressão incrédula a espriar-se-lhe no rosto.

— Este sistema é diferente do que está lá em baixo. Nunca o vi antes. Não sei o código — disse ela lentamente. — Acabaste de me *trancar* aqui dentro.

— Claro que não. Tranquei tudo o resto lá fora.

A boca dela abriu-se involuntariamente perante esta resposta seca. Ele resistiu a um impulso quase irreprimível de a esmagar contra si, de enfiar a língua entre o tentador alvo que eram os lábios dela. O seu desejo por Genny fora sempre um dado adquirido, mas havia alguma coisa

no facto de a ver agora tão inesperadamente, e a consciência de que ela estava em perigo iminente acrescentava uma intensidade extra ao seu apetite.

A pele dela parecia extremamente pálida junto ao vestido de malha cor de ferrugem que usava com umas botas de cabedal. Aquele vestido realçava toda e cada curva sensual do seu corpo delgado, conseguindo ao mesmo tempo parecer sofisticado. As linhas claras e a elegância da roupa levaram-no a suspeitar de que tinha sido desenhada pela própria Genny. Sean nunca ligara particularmente à moda, mas gostava do estilo de Genny. Acabara por admirar e respeitar o seu talento. Ela ainda tinha o rosto húmido das lágrimas e vermelho do choro. Um pouco de rímel esborratara por baixo do olho direito.

Aos seus olhos, ela estava mais sublimemente adorável do que nunca, e isso nada tinha que ver com um corpo e uma cara que tinham a capacidade de alterar a trajetória da vida de um homem. Sean soubera, no primeiro momento em que olhara para ela, que a beleza de Genny vinha de dentro.

Ele pestanejou, dando conta de que estivera de olhos pousados nos seus seios, a pensar como eram suaves e bem proporcionados, apertados dentro da malha justa ao corpo.

O.K., pronto, a beleza dela não era apenas espiritual.

Encaminhou-se para o corredor. A ideia era levá-la a confiar nele novamente, não ficar a olhar-lhe embasbacado para o peito como um adolescente com tesão, pensou, irritado.

Genevieve seguiu-o até à casa de banho.

— Não me podes obrigar a ficar aqui, Sean — disse ela quando ele pousou o saco na bancada de granito e se dirigiu para o chuveiro a vapor.

— Quem disse que te estava a *obrigar*? — Rodou a torneira. — Estás em choque. Estarias a ser simplesmente irracional se saísses a correr de um apartamento agradável, quente e disponível depois de a tua casa ter ardi-do. — Ergueu as sobrancelhas e aproximou-se. Ela recuou rapidamente, encostando as nádegas ao móvel para o evitar quando passasse por ela no confinado espaço da casa de banho. Ela olhou para cima cautelosamente quando Sean parou a seu lado, a anca dele a roçar-lhe o ventre.

— Dá-me uma boa razão para não ficares aqui, rapariga — exigiu tranquilamente.

Ela parecia demasiado estupefacta com a sua ousadia para conseguir falar, por isso Sean não se deixou deter.

— Vá, toma um bom duche quente. Vai ajudar-te a descontraír. Vou tentar entrar em contacto com alguém da polícia e dos bombeiros de Lake Forest e depois vou deitar-me. Queres mais um copo de vinho?

Ela olhou em volta, como que em busca de um motivo para não ficar na *penthouse*, escondida entre as toalhas felpudas e o vapor que enchia a casa de banho. Os seus ombros cederam subitamente e Sean soube que o choque e a exaustão haviam finalmente tomado conta dela.

— Não. Só quero que me deixes em paz. — Passou bruscamente por ele e agarrou no saco. Mas não se mexeu suficientemente depressa para que ele não visse as lágrimas que lhe brotavam dos olhos.

— Dito e feito — disse ele, como se ela lhe tivesse pedido a coisa mais fácil do mundo, e não a mais difícil. — Vou buscar uma almofada e uma manta e deixo tudo no sofá.

Ele viu-a olhar furiosamente o conteúdo do saco e depois fechou a porta.

Deitado na cama, de mãos atrás da cabeça, ele pensava. Já havia meia hora que o Sol se esforçava valentemente por despontar, mas estava a revelar-se fraco adversário para a pesada neve que começara a cair de madrugada.

Antes, Genny saíra da casa de banho com calças de fato de treino e uma *T-shirt* enorme, o cabelo castanho ainda húmido. Ele pôs-se de pé em frente às portas envidraçadas de correr que davam para um pequeno terraço e marcou o número da polícia de Lake Forest no telemóvel. Ela não se dignara a brindá-lo com um olhar fugaz sequer. Deitara-se no sofá e puxara a manta quase a tapar a cabeça por inteiro. Manteve-se de costas voltadas quando ele desligou o telefone após uma breve conversa com o sargento de serviço na polícia de Lake Forest.

Estava a fazer questão de o ignorar. Ele sabia que já tinha forçado em demasia as suas defesas, por isso deixou-a sossegada.

Ela dissera que não queria dormir em nenhum dos quartos, recordou Sean. Quanto teria ela visto dos jogos dele com aquela mulher, Suzanne? Ia mudando de posição na cama, agitado, desconfortável só de pensar.

Por que razão Genny não lhe pedira ajuda? Pela cara dela, ficara horrorizada com o que vira acontecer no quarto. Tinha o rosto congelado de choque enquanto lágrimas silenciosas lhe rolavam pelas faces.

Que estranho, quando ouvira o seu gemido de angústia, confundira-o com excitação.

Teria ficado chocada por ele ter atado Suzanne? Ou seria a sua angústia causada por o ter visto com outra mulher? Sean suspeitava de que seria a primeira hipótese. Max prendera-a na noite de Ano Novo, a pedido de Sean. Se calhar, Genny não gostava de ver diante dos olhos algo que a recordava tão intensamente de um acontecimento que lhe causava tanta mágoa.

Compreendia porque ela não queria dormir no quarto principal. Ele nunca ali dormia, nunca ali levava mulheres... nunca ali entrava, *ponto*, se o pudesse evitar.

Genny ainda pensava naquela noite de Ano Novo, isso era certo. Lamentava-a, mas não pelas mesmas razões de Sean. Genny teria apagado liminarmente aquela noite da sua existência, se pudesse.

Ele, por outro lado, agarrava-se àquelas agudas memórias como um sovina a afagar o seu tesouro. Por vezes, a meio da noite, Sean percorria cada ínfimo pormenor, torturando-se. Doía tanto, mas era uma dor que não teria sacrificado por nada. Quando as memórias por fim se desvaneciam, sentia-se vazio e oco.

Deliciava-se com a memória de Genny a enterrar o rosto no seu pescoço, de respirar o odor da sua excitação, enquanto os seus gritos de prazer vibravam nos lábios dele. Pensava na sensação de a ter nos braços a estremecer com o orgasmo enquanto ele se derramava dentro dela.

O seu pénis cresceu e ergueu-se de encontro aos lençóis.

Ciciou um impropério e saltou da cama. Uma vez na vida, não sentia prazer na dor de viver aquelas memórias perturbadoras. Não quando a sua mulher de sonho estava ali a meia dúzia de metros de distância, relaxada e quente, a dormir.

Passados dez minutos, tomou um duche e vestiu-se, prescindindo de se barbear para não perder tempo. Queria sair e regressar antes que a tempestade impossibilitasse qualquer deslocação.

Queria voltar antes de Genny acordar.

Antes de sair, foi ver como ela estava. Deitara-se de costas e dormia com um braço sobre a cabeça, o punho cerrado abrindo-se lentamente à medida que os músculos iam relaxando. As sobrancelhas juntavam-se ligeiramente, parecendo que ela estava a tentar descortinar alguma coisa em sonhos. Os seios pareciam macios e convidativos sob a fina camada da *T-shirt*, enquanto se erguiam e baixavam com a respiração uniforme.

Sean voltou as costas, questionando-se se alguma vez chegaria o dia em que olhasse para ela sem sentir remorsos.